

UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A CLASSE GRAMATICAL “NOME” NAS GRAMÁTICAS DE JOÃO DE BARROS (1540) E DE REIS LOBATO (1770)

A comparative study concerning the “noun” as a part of speech in João de Barros (1540) and Reis Lobato (1770) grammars

*Marcus Vinícius Pereira das Dores**

RESUMO: O presente artigo analisa de forma comparativa como a classe gramatical “nome” é apresentada em duas gramáticas antigas da língua portuguesa – *Gramatica da Língua Portuguesa* (BARROS, 1540) e *A Arte da Grammatica da Língua Portuguesa* (LOBATO, 1770). A gramática de Barros destinou-se à instrução dos “mininos e moços”, utilizada, assim, para ensinar a língua portuguesa como “língua mãe” e não como “madastra”, não se tratando, portanto, de uma gramática destinada aos não portugueses (BUESCU, 1983). Já a obra de Lobato foi adotada tanto em Portugal quanto, posteriormente, nas Colônias, para o ensino da língua portuguesa. Este artigo recai no que se refere ao estudo dos nomes e na observação de como é feita a classificação desses vocábulos, se se toma como base o modelo latino ou não. Explica-se a escolha dessa classe de palavra pelo fato de ambos os autores dedicarem um número considerável de páginas da sua obra para essa classe e suas subclassificações.

Palavras-chaves: Gramática antiga; Nome; João de Barros; Reis Lobato.

ABSTRACT: *This paper comparatively analyses how the “noun” is presented as a part of speech in two old Portuguese grammars – Gramatica da Língua Portuguesa (BARROS, 1540) and A Arte da Grammatica da Língua Portuguesa (LOBATO, 1770). Barros grammar was aimed to young men instruction, and it was used to teach Portuguese as “mother language” instead of “stepmother language”, not intended thus to non-Portuguese people (BUESCU, 1983). On the other hand, Lobato’s work was adopted in Portugal and later in the colonies for Portuguese teaching. This paper concerns the noun studies and the observation on how these words are categorised, whether it is based on the Latin model of classification or not. The choice for the noun as a part of speech is justified since both authors spent a number of pages of their works for this part of speech and its subclassifications.*

Keywords: *Old grammar; Noun; João de Barros; Reis Lobato.*

*Graduando em Letras – Licenciatura em língua portuguesa, do Departamento de Letras, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, Brasil; Bolsista de Iniciação Científica CNPq – marcusdores@hotmail.com

Introdução

Pretendemos com este trabalho fazer um cotejo entre duas gramáticas antigas da língua portuguesa – *Gramatica da Língua Portuguesa* (BARROS, 1540) e *A Arte da Grammatica da Língua Portuguesa* (LOBATO, 1770) – no que tange aos estudos acerca dos nomes e às subcategorias dessa classe (substantivo e adjetivo). De um lado, a gramática de João de Barros, que possui estruturas do modelo latino e, ao mesmo tempo, diferenças entre o português e o latim. Buescu (1971) sustenta que “a latinização de Barros, é pois, segundo parece, mais formal do que essencial, preocupando-se ele mais em demonstrar diferenças do que em apontar identidades” (p.44); de outro lado, a gramática de Reis Lobato que considera mais as necessidades educacionais da época – ensinar a língua materna e a história de Portugal, formando sujeitos capazes assumir os ofícios públicos, falar e escrever a língua portuguesa sem erros.

No século XVI, João de Barros, conhecido como o mais “latino” dos gramáticos da língua portuguesa, dedica parte de sua gramática para essa classe de palavras. Ao discorrer sobre o nome, detalha algumas características marcantes: a qualidade (comum ou próprio, substantivo ou adjetivo, relativo ou antecedente); a espécie (primitivo ou derivado, este, por sua vez, desdobra-se em oito: patronímicos, possessivos, diminutivos, aumentativos, comparativos, denominativos, verbais, adverbiais); a figura (simples ou composto); o gênero (masculino, feminino, neutro, comum a dois, comum a três, duvidoso, confuso); o número (singular ou plural); as irregularidades de alguns nomes e, por fim, a declinação dos nomes.

Passados pouco mais de dois séculos, Reis Lobato propõe uma nova gramática que, segundo Zanon e Faccina (2004), ficou conhecida como a primeira gramática da língua portuguesa adotada no ensino. Já conforme Vasconcelos (1926), essa obra serviu como mecanismo de dominação linguística e educacional do Marquês de Pombal – na qual o foco não seria mais o latim, e sim a língua vernácula. Logo na introdução, Lobato apresenta alguns equívocos da obra de João de Barros justamente para fundamentar uma das necessidades da sua obra. Contudo, em relação ao nome, ele não se distancia muito do que foi descrito por João Barros apenas apresenta uma nova classe de nome substantivo, o substantivo coletivo, e dá maior ênfase às declinações.

O interesse por esta temática surgiu a partir discussões realizadas no grupo de pesquisa: *O Estudo da Gramáticas – antiga e contemporânea*, coordenado pelas

professoras Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes. Este estudo possui um caráter extenso e, por isso, neste artigo, propomos evidenciar apenas algumas diferenças e semelhanças entre as duas obras.

1 Contexto histórico

Diferentes estudos mostram que foi no Período da Renascença que houve o “reencontro da humanidade com a cultura greco-latina” e uma consequência disso foi “a grande voga dos estudos de grego e latim, que resultou na incorporação ao vocabulário e à sintaxe das línguas românicas de um número considerável de latinismos.” (ILARI, 2001, p.226) Mas é preciso levar em consideração também que esse foi um período de valorização das línguas vulgares.

“Em vários países, os homens de letras estavam empenhados em uma defesa da língua nacional como idioma da alta cultura do Renascimento, e na ilustração das línguas vulgares através da incorporação de novos vocábulos e da imitação dos clássicos latinos e gregos, com objetivo de construir um idioma tão completo e expressivo quanto o latim.” (HUE, 2007, p. 13-14)

Com o surgimento da imprensa, houve um significativo aumento do número de leitores e, segundo Buescu (1984), esse fato exigiu uma uniformidade na escrita, desencadeando, assim, o esforço de codificar as línguas vernáculas, “após a abertura precoce dos italianos e da gramática castelhana de Nebrija, em 1492.” (p.78) Ainda segundo a autora,

(...) a gramática deixa de ser ‘só’ gramática latina, para ser vernacular, mas passa a ser ‘só’ a redução dos fenômenos linguísticos a uma ordem descritiva e normativa: o estudo dos mecanismos da língua e não qualquer outro tipo de obras cuja focagem é o fenômeno linguístico sobre perspectiva diferente. (BUESCU, 1983, p. 14)

Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que esse “esforço de codificar as línguas vernáculas”, a que fez referência Buescu (1984), também diz respeito à transformação de uma variedade oral nos moldes da língua latina escrita.

Após séculos de hegemonia da língua latina, foi no século XVI, com passos lentos mas decisivos, que se iniciou a produção gramatical portuguesa, com a publicação das gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540).

2 *Grammatica da lingua Portuguesa*, de João de Barros (1540) e o estudo do nome

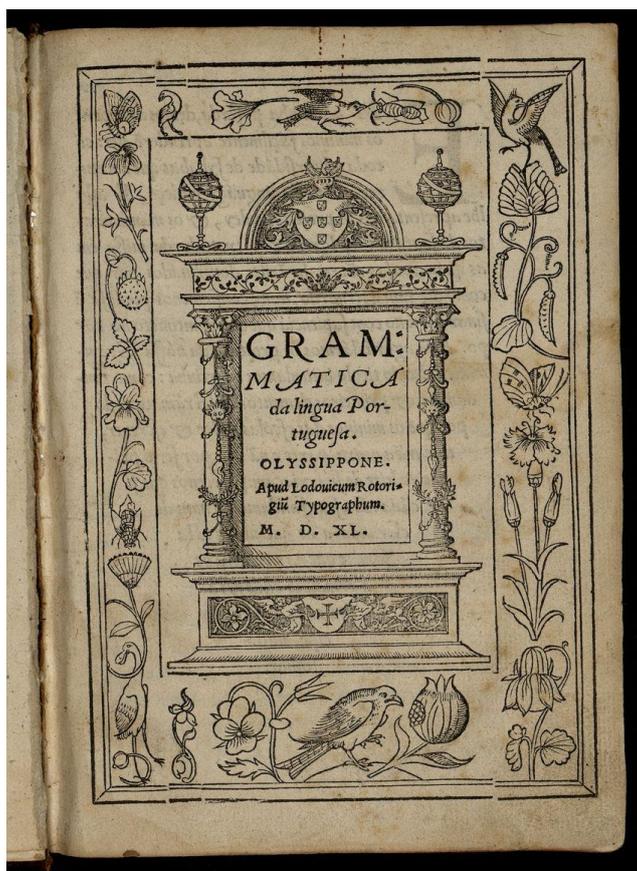


Imagem 1: Fac-símile do frontispício da *Grammatica da lingua portuguesa* (1540).

João de Barros, sobre a Difiñçám da Gramatica e as pártes della, informa: “GRAMMATICA, E vocabulo Grego: quer dizer, çiência de letras. E segundo a difiñçám que lhe os Gramáticos derã: é hu módo do çerto e iusto de falár, e escrever, colheito do uso, e autoridáde dos barões doutos.” (2v.)

Segundo Assunção & Santos *apud* Cohen (2016),

[a] Grammatica de João de Barros tem quatro partes, a Cartinha, que tem três edições, a Grammatica, seção nuclear do conjunto, já tem quatro edições, O dialogo em louvor da nossa linguagem, cinco, e O Diálogo da viciosa vergonha, três.

Em sua *Grammatica*, Barros considera a existência de nove classes gramaticais, dentre as quais está o “nome”, que por sua vez se divide nas subcategorias de substantivo e adjetivo. “Nome sustantiuo chamamos a quelle que per sy póde estár [...]. Nome aietiuo, ao que nam tẽ ser per sy, mas está em costádo ao sustantiuo” (6v.).

Ao tratar dos nomes, Barros apresenta seis categorias em que eles se encontram: a *qualidade* (próprios ou comuns, substantivos ou adjetivos, relativos ou antecedentes);

a *espécie* (primitivos ou derivados, estes últimos podem ser patronímicos, possessivos, gentílicos, diminutivos, aumentativos, comparativos, superlativos, verbais, participiais ou adverbiais); a *figura* (simples ou compostos); o *gênero* (masculinos, femininos, neutros, comuns de dois, comuns a três); o *número*; a *declinação*. Ainda segundo Barros, em relação ao gênero do “nome”, o que marca essa categoria não é apenas a significação, mas também a presença do artigo. “Nós nã sómente conheçemos o nósso género per significaçam como os latinos, mas per artigo, como os gregos” (10r.).

A seguir, seguem algumas classificações da classe gramatical “nome” que foram encontradas na *Grammatica da lingua portuguesa*¹:

CLASSIFICAÇÃO APRESENTADA	EXPLICAÇÃO	EXEMPLO
Nome próprio	“[...] ę aquelle que se nam póde atribuir a mais que a hũa só cousa.”	“Lisboa”
Nome comum	“[...] e comũ, pelo qual entẽdemos muitas da quelle gênero[...].”	-
Nome sustantiuo	“[...] chamamos á quelle que per sy póde estar: e nam recçebe esta paláura, cousa [...]”	“cauálo”, “touro”
Nome aietiuo	“[...] ao que nam tẽ ser per sy: mas está em costado ao sustantiuo, e póde receber em sy esta paláura [...]”	“fermoso”, “bráuo”
Nome primitiuo	“[...] chamamos, aquelle que foy primeiro, auer hy outro donde nacesse ou se deriuasse [...]”	“Cidáde”, “Corte”, “Casa”
Nome deriuádo	“[...] se chama os quaes se deriuam dos tres açima.	“Cidadã”, “Cortesam”, “Caseiro”
Nome patronymico	“[...] ę aquelle que significa filho, neto ou descendẽte da quelle que tem o nome donde ô nós formámos e deriuámos [...]”	“Fernandes, filho de Fernando”

¹ Cf. BARROS, 1540, 5v. a 8r.

Nome possessiuo	“[...] aquelle ã se nomea do possedor de causa [...]”	“Christaã, de Christo”
Nome diminutiuo	[...] ę aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou [...]	“homenzinho”
Nome aumentativo	[...] ę contraira â de çima: por que hũa diminuye a cousa, e outra acreçenta.	-

3 *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, de Antonio Jose dos Reis Lobato (1770) e o estudo do nome

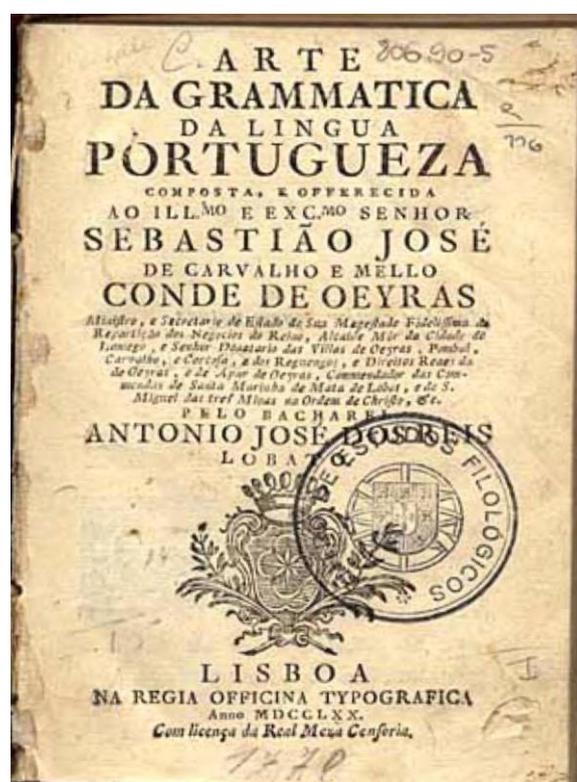


Imagem 2: Fac-símile do frontispício da *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* (1770).

Com mais de 40 edições publicadas, a gramática de Reis Lobato² foi uma obra inovadora para sua época, conforme Zanon e Faccina (2007), já que foi a primeira que,

² Segundo Assunção (2000), “se assistimos, em Portugal, na segunda metade do século XVIII a consideráveis mudanças nos hábitos dos utentes da língua, a nível da escrita e da leitura, devemos-lo muito a Reis Lobato. Foi por esta gramática simples que aprenderam os grandes escritores de finais do século XVIII e primeira metade do século XIX e que se formaram homens instruídos para os cargos administrativos desses tempos. Terá dado esta obra um certo leitmotiv para as chamadas gramáticas

de forma contínua e sistemática, serviu de base para o ensino de língua portuguesa, no período de 1810 a 1869.

Lobato publicou a sua gramática em 1770, justamente no período em que o Estado português, por meio do Marquês de Pombal, colocou em prática um amplo programa de reformas. Segundo Pinto (1988), a base dessas mudanças deveria ser a modernização do ensino; assim, o Marques de Pombal é apontado como responsável pelo rompimento definitivo com o ensino jesuítico. “Em Portugal o Marquês de Pombal, pelo alvará de 28 de junho de 1759, ordena extinguir todas as escolas pautadas pelo método dos jesuítas, reformando o ensino das ‘Letras Humanas’ [...]” (LOPES *apud* ARACIL, 2004)

Assim como fez João de Barros, classificando as palavras em nove classes, Reis Lobato (1770, p. 7) organizou o conteúdo gramatical da sua *Arte*. Para Lobato, “[n]ome he huma voz, com que se nomeão as cousas, e suas qualidades [...]” (p.9). Ele ainda acrescenta à sua definição: “Nome ou he substantivos, ou Adjetivo”. Ao analisar a sua obra é perceptível que ele segue o mesmo princípio adotado por Barros: explicar o conceito da classe “nome”; apresentar a diferença entre substantivo e adjetivo; e mostrar a dependência deste último ao primeiro, que possuía sentido completo sem auxílio de outra palavra. “Substantivo he aquelle, que por si só, isto he, sem dependência do Adjectivo, significa completamente huma cousa, assim como Ceo, Terra.” (p.10)

Apresentamos, no quadro a seguir, as classificações do “nome” encontradas na *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*³.

CLASSIFICAÇÃO APRESENTADA	EXPLICAÇÃO	EXEMPLO
Substantivo Proprio	“[...] he aquelle, que significa huma cousa, ou pessoa certa [...]”	“Lisboa”, “Ulisses”
Substantivo Appellativo ou Commum ⁴	“[...] he aquelle, que significa huma cousa, ou pessoa incerta [...]”	“Reino”, “Rey”
Substantivo Colletivo	“[...] he aquelle, que no numero singular significa multidão [...]”	“Exercito”, “Povo”

filosóficas que vieram à luz do dia, em Portugal, em finais do século XVIII: a de Bernardo de Lima e Mello Bacelar e a de Soares Barbosa, esta já no século XIX.” (p. 103)

³ Cf. LOBATO, 1770, p. 10-12.

⁴ “Na classe do Nome Appellativo se incluem os Substantivos Colletivo, Augmentativo, e Diminutivo.” (LOBATO, 1770, p.10)

Substantivo Augmentativo	“[...] he aquelle, que significa com augmento o mesmo, que o nome primitivo, donde nasce [...]”	“Homemzarrão”
Substantivo Diminutivo	“[...] he aquelle, que significa com diminuição o mesmo, que o nome primitivo, de que deriva [...]”	“Livrinho”
Nome adjectivo	“[...] he aquele, que significa a qualidade da cousa, que significa o Nome Substantivo; pelo que delle depende para fazer sentido completo [...]”	“Branco”

Ao tratar do substantivo, Lobato (1770, p. 13-18) também reconheceu que, em alguns aspectos, como em relação ao gênero, adotaria “o costume dos Grammaticos” que o antecederam. Ao abordar as declinações dos nomes, apresentava algumas mudanças em relação à gramática latina, pois nesta os gramáticos formavam “cinco declinações de nomes, por terem estes na lingua Latina sinco modos de variar a terminação do Genitivo; porém nós formaremos duas, attendendo a terem os nomes Portuguezes duas maneiras” (p.19)

Considerações finais

O espírito renascentista contribuiu para a valorização da cultura greco-latina e para a elevação das línguas vulgares à categoria de línguas nacionais, as quais seriam, defendiam alguns, tão completas e expressivas quanto o latim.

Ambos gramáticos, aqui apresentados, cada um à sua maneira, seguiram o modelo de fazer gramática que era vigente na época. A filiação ao latim era vista como uma forma de exaltar a língua portuguesa. Reis Lobato apresenta, logo no início de sua gramática, alguns equívocos da obra de João de Barros justamente para justificar uma das necessidades da sua obra. Contudo, em relação ao nome, ele não se distancia muito do que foi descrito por João Barros apenas apresenta uma nova classe de nome substantivo, o substantivo coletivo, e dá maior ênfase às declinações.

Para finalizar, temos consciência de que o presente artigo não chegou perto de oferecer todas as respostas sobre o ideário linguístico de Barros e de Lobato em relação

ao “nome”. Cremos que essa tarefa estará mais completa após o estabelecimento de uma comparação entre as duas gramáticas na sua inteireza, permitindo, assim, que futuramente possamos a adquirir uma melhor compreensão da origem das ideias linguísticas dos autores, estabelecendo os pontos de encontro e, claro, de afastamento. É oportuno também sugerir que, além da realização de um cotejo global das obras dos dois gramáticos, seja feito um rastreamento para verificar se o debate de que nos ocupamos neste estudo teve ou não continuidade em outros gramáticos coevos ou posteriores.

Referências

ARACIL, L. V. *Do Latim às línguas nacionais: Introdução à História Social das Línguas Europeias*. Santiago de Compostela: Associação de Amizade Galiza-Portugal. 3v. 2004. (Investigação).

ASSUNÇÃO, C. da C. *A Arte da Grammatica da Lingua Portugueza de António José dos Reis Lobato: Estudo, edição crítica, manuscritos e textos subsidiários*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

BARROS, J. *Grammatica da língua portuguesa*, 1ª. ed. Lisboa: Luís Rodrigues, 1540.

_____. *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha. Gramática. Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras, 1971.

BUESCU, M. L. C. *Babel ou a ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

_____. *A língua portuguesa, espaço de comunicação*. Lisboa: ICLP/ME/Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio de Veiga & Antunes. Coleção Biblioteca Breve, vol. 85, 1984.

COHEN, M. A. A. de M. A busca linguística em sincronias pretéritas do português: questões metodológicas. *Revista Caletroscópio*. Mariana, v. 3, n. 5, p. 11-32, 2016. ISSN 2318-4574. Disponível em: <<http://www.ichs2.ufop.br/caletroscopio/revista/index.php/caletroscopio/article/view/61/45>>. Acessado em: 26 ago. 2016.

DORES, M. V. P. das; MENDES, S. T. do P. *O nome nas gramáticas de João de Barros (1540) e de Reis Lobato (1770): um estudo comparativo*. Mariana, Universidade Federal de Ouro Preto, 2015. (Comunicação oral)

HUE, S. M. *Diálogos em defesa e louvor da Língua Portuguesa*. RJ: 7Letras, 2007; ILARI, R. *Linguística Românica*. SP: Ática, 2001.

LOBATO, A. J. dos R. *Arte da gramática da língua portuguesa compportuguesaerecida ao Ilmko e Exc.mo senhor Sebastião José de Carvalho e Melo, ministro, e secretario de estado de sua magestade fidelíssima da repartição dos negócios do reino*. Lisboa: Na Ty. de M. P. de Lacerda, 1770.

PINTO, R. M. *História da língua portuguesa: século XVIII*. São Paulo: Ática, 1988.

VASCONCELOS, J. L. *Mês de sonho*. Conspecto de etnografia açórica. Lisboa: Imprensa Nacional, 1926.

ZANON, M.; FACCINA, R. L. da S. A arte da gramática da língua portuguesa, de Reis Lobato, e sua contribuição para o ensino do português no Brasil do século XVIII. In: BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Org.). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do séc. XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 75-89.

Nota

Uma versão inicial deste trabalho foi apresentada oralmente, em coautoria com a Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes, no II Encontro sobre a Diversidade Linguística de Minas Gerais (II DIVERMINAS), realizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, no período de 22 a 24 de setembro de 2015.